

Os franceses na História Militar Colonial Brasileira

Carlos Roberto Carvalho Daróz^a

Resumo: Desde a chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral, as costas do Brasil foram visitadas por diversos navios estrangeiros, inclusive franceses. A França tentou instalar uma colônia no Brasil em diferentes oportunidades, além de realizar ações de corso, sendo os franceses, contudo, repelidos pelas forças portuguesas na maioria das vezes. O presente ensaio revisita as incursões e tentativas de ocupação realizadas pelos franceses no território do Brasil Colonial.

Palavras-chave: Invasões francesas, defesa do litoral, História Colonial.

INTRODUÇÃO

A presença de franceses no Brasil é registrada desde os primeiros anos da colonização portuguesa. Assim que ficou conhecida na Europa a existência, na terra de Santa Cruz, de madeira útil à indústria de tinturas, navios franceses começaram a freqüentar seu litoral, realizando o comércio clandestino com os nativos. Apenas quatro anos após a chegada de Cabral ao Brasil, esteve na Ilha de São Francisco e em outros pontos do litoral o francês Paulmier de Gonneville.

Outras referências dão conta da presença de armadores procedentes de Dieppe, Rouen, Saint Malo e de outros portos franceses, inclusive em Pernambuco e na Bahia.¹

Após a divisão do mundo entre Portugal e Espanha, estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas em 1494, França, Inglaterra e Holanda - que tinham saído atrasadas na corrida ultramarina - passaram a contestar sua validade jurídica. A crítica do Rei da França Francisco I, ao arguir o paradeiro do *testamento de Adão* que o afastara da partilha do mundo, deixou claro

^a Coronel de Artilharia. Associado titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



que não pretendia reconhecer a soberania de Portugal sobre o recém-descoberto território. Nesse sentido, incentivou, inicialmente, a prática das ações de corso para o escambo do pau-brasil e, ainda no século XVI, evoluiu para apoiar as tentativas de colonização no litoral do Rio de Janeiro (1555) e na costa do Maranhão (1594).

A França, nessa época, vivia momentos de intranqüilidade religiosa, com enfrentamentos entre católicos e calvinistas.² A instalação de uma colônia ultramarina poderia servir como válvula de escape para estas tensões e possibilitaria a vida sem perseguições religiosas.

Esta foi, basicamente, a motivação para a criação da França Antártica.

A FRANÇA ANTÁRTICA (1555-1567)

A instalação da colônia francesa no Brasil coube ao Vice-Almirante da Bretanha³ Nicolas Durand de Villegagnon, cavaleiro da Ordem de Malta e membro des-

tacado da corte francesa. No verão de 1554 Villegagnon visitou em segredo a região de Cabo Frio, na costa do Brasil, onde os franceses realizavam a maior parte do escambo do pau-brasil. Neste sítio, tratou de obter informações sobre os portugueses junto aos índios Tamoios, e escolheu o local para a instalação do empreendimento colonial - a baía de Guanabara - tendo em vista que esta era evitada pelos portugueses devido à hostilidade dos indígenas locais.

O planejamento inicial consistia em transformar o novo estabelecimento colonial em uma poderosa base militar e naval, a partir da qual a França poderia interferir no controle do comércio com as Índias. Por ocasião dessa expedição de reconhecimento, Villegagnon estabeleceu boas relações com ambos os povos nativos - Tamoios e Tupinambás - recolhendo, além das valiosas informações, uma carga razoável de pau-brasil, com a qual lucrou no retorno à França.

Já na França, Villegagnon expôs seus planos para o Rei Henrique II e conseguiu a aprovação e o

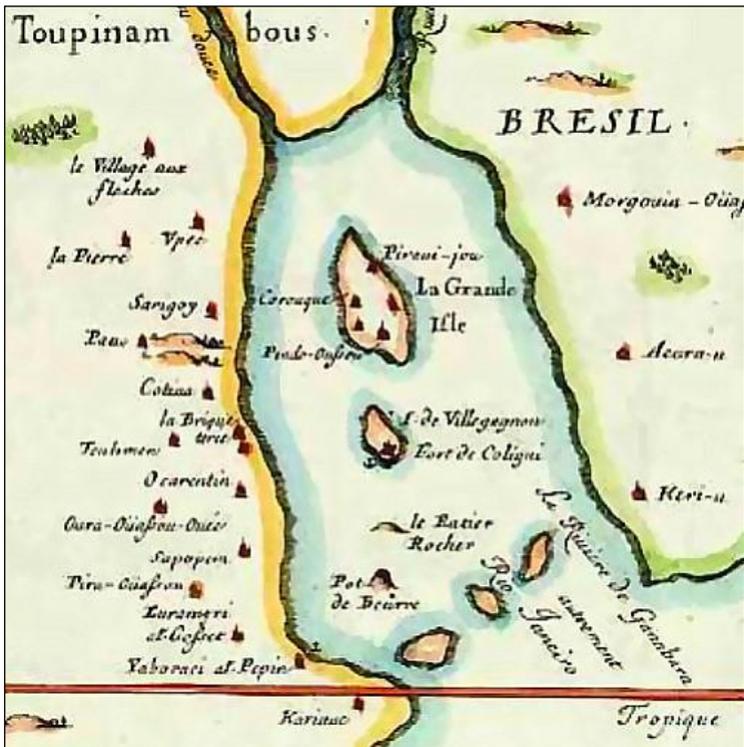


financiamento para a empreitada. O soberano determinou ao seu principal ministro, Almirante Gaspar de Coligny, a preparação de uma expedição sigilosa ao Brasil, cujo comando foi entregue a Villegagnon.

Com duas naus e uma embarcação menor para transportar mantimentos, somando um contingente de cerca de seiscentas pessoas, Villegagnon zarpou de Dieppe em 14 de agosto de 1555. Sua expedição encerrava dois objetivos geopolíticos: instalar um núcleo colonizador para o comércio com a Metrópole e interferir no comércio marítimo com as Índias. Após ser fustigada pela artilharia espanhola de Tenerife, nas ilhas Canárias, a pequena esquadra francesa alcançou a costa do Brasil, próximo a Búzios, em 31 de outubro, e, dez dias depois, chegou à baía de Guanabara. Inicialmente, Villegagnon desembarcou na Isle Rattier⁴, com a intenção de erguer uma bateria defensiva, o que não foi possível em razão da alta da maré. Os franceses, em seguida, ocuparam a ilha

de Serigipe⁵, onde se estabeleceram definitivamente e ergueram o Forte Coligny, o qual, quando pronto, dispunha de cinco baterias apontadas para o mar.

A colônia, denominada França Antártica, abrigava colonos calvinistas e elementos católicos que procuravam evitar as querelas religiosas que dividiam a França. Villegagnon imprimiu intenso ritmo de trabalho para melhorar as fortificações da Ilha de Serigipe e estabeleceu padrões de disciplina rigorosos, que o levariam a ser detestado pelos colonos. Como não havia mulheres na colônia, os franceses procuravam as indígenas locais, relacionamento que foi proibido por Villegagnon. A insatisfação gerada pelo regime disciplinar e pelas inevitáveis divergências religiosas se intensificou, chegando ao ponto de alguns colonos conspirarem para assassinar Villegagnon. Ao descobrir este plano antes de sua execução, Villegagnon agiu com firmeza, condenando à morte vários colonos, expulsando os calvinistas para as margens da baía.



Mapa francês da baía de Guanabara, c. 1555. Rico em detalhes, mostra a conformação topográfica original do Pão de Açúcar (*Pot de Beurre*), afastado da praia. Com os morros da Urca e Cara-de-Cão, ele formava a *Ilha da Trindade*, que hoje está integrada ao continente em consequência de assoreamento e de um aterro no final do século XVII. Outra curiosidade é a indicação de pontos de interesse, ora em francês, ora em língua indígena.

Em 26 de fevereiro de 1557 chegaram da França três navios, sob o comando do sobrinho de Villegagnon, Bois-le-Compte, transportando um contingente de

cerca de 300 pessoas, inclusive dois teólogos calvinistas. O estado disciplinar da colônia dererriorou-se, o que resultou no retorno de alguns colonos à França e na fuga



de outros que optaram pela vida junto aos indígenas. Em 1559, desiludido com a falta de progresso e as disputas internas da colônia, Villegagon retornou à França, prometendo retornar posteriormente à colônia, o que não cumpriu. Bois-le-Comte permaneceu no comando da colônia.

Após a partida de Villegagnon, coube ao Governador-Geral do Brasil Mem de Sá a tarefa de expulsar os franceses da Guanabara. Partindo de Salvador com duas naus e oito navios menores, Mem de Sá obteve reforços nas capitânias de Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo e São Vicente e, na madrugada de 16 de março de 1560, conseguiu conquistar o Forte Coligny, destruindo-o completamente no dia seguinte. Como não dispunha de efetivo para guarnecer a Guanabara, Mem de Sá retornou para Salvador, o que permitiu aos franceses remanescentes prosseguirem com suas atividades econômicas no continente, com o auxílio dos nativos.

Com a continuidade das atividades francesas na Guanabara, uma

nova expedição militar foi organizada, sob o comando de Estácio de Sá, contando com seis navios de guerra artilhados. Após receber reforços da capitania de São Vicente, em primeiro de março de 1565, Estácio de Sá fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que serviria, inicialmente, de base na luta contra os franceses e seus aliados indígenas. Mesmo após a fundação do Rio, os franceses não deixaram a cidade. Em 1567, no dia 18 de janeiro, Mem de Sá mandou reforços para enfrentá-los. A batalha final aconteceu em 20 de janeiro, dia de São Sebastião, no Outeiro da Glória, com a vitória dos portugueses. No entanto, Estácio de Sá foi ferido no rosto e morreu um mês depois. Com a sua morte, Mem de Sá transferiu a cidade da vila no morro Cara de Cão, para o morro do Descanso⁶.

A FRANÇA EQUINOCCIAL (1594-1615)

Expulsos da Guanabara, os franceses tentaram se estabelecer na Bahia e em Alagoas sem suces-



so. O estabelecimento da chamada França Equinocial iniciou-se em Março de 1612, quando uma expedição francesa partiu da Bretanha, sob o comando de Daniel de La Touche, Senhor de la Ravardière. Diferentemente da expedição de Villegagnon, que fora financiada, em parte, por armadores privados da França, a tentativa de fixação francesa no Maranhão recebeu recursos da própria Coroa francesa.

Com aproximadamente quinhentos colonos a bordo de três navios, a expedição dirigiu-se à costa norte do atual estado brasileiro do Maranhão. Para facilitar a defesa, os colonos estabeleceram-se numa ilha, onde fundaram um povoado denominado de *Saint Louis*⁷, em homenagem ao soberano Luís XIV da França.

Cientes da presença francesa na região, os portugueses procuraram eliminá-lo antes que aumentasse. O governador Gaspar de Souza organizou uma esquadra com oito navios, sob o comando de Jerônimo de Albuquerque. Essa expedição construiu, no litoral do Ceará, o Forte de N.S. do Rosário,

de onde partiram para dar combate aos franceses no Maranhão. Após a chegada de reforços diretamente de Portugal, as forças portuguesas e nativas venceram os franceses em novembro de 1615.

Poucos anos mais tarde, a partir de 1620, iniciou-se o afluxo de colonos portugueses, tendo a povoação de São Luiz começado a crescer, com uma economia baseada principalmente na agro-manufatura açucareira. São Luiz seria, anos mais tarde, importante ponto de apoio para a expansão portuguesa na Amazônia.

A INCURSÃO DE DUCLERC (1710)

A cidade do Rio de Janeiro nasceu em decorrência da luta contra os franceses de Villegagnon. Com a descoberta do ouro em Minas gerais, no final do século XVII, o porto do Rio de Janeiro era bastante movimentado, pois por ele era escoado o metal precioso. No início do século XVIII, a popula-



ção da cidade havia crescido e sua economia se desenvolvido.

Acreditando que no Rio de Janeiro houvesse grande quantidade de ouro, em agosto de 1710 o corsário Jean-François Duclerc decidiu invadir a cidade com o objetivo de apresar o ouro. No comando de seis navios e cerca de 1.200 homens, Duclerc tentou adentrar a barra da baía de Guanabara, sendo, contudo repellido pelo fogo combinado da Fortaleza de Santa Cruz da Barra e da Fortaleza de São João. Após isso, o corsário rumou para a Ilha Grande e, posteriormente, desembarcou em Pedra de Guaratiba, de onde investiu por terra contra a cidade do Rio de Janeiro. Ao adentrarem no casario da cidade, os franceses se dispersaram e foram atacados e vencidos pela população em armas. Os oficiais da expedição foram enviados para Salvador e os soldados aprisionados nas fortalezas da barra, enquanto Duclerc recebeu a cidade do Rio de Janeiro por menagem. Em março de 1711, contudo, o corsário francês foi assassinado em

sua residência, em condições misteriosas, por desconhecidos.

A população da cidade festejou entusiasticamente a vitória durante vários dias. Infelizmente, as autoridades coloniais superestimaram a capacidade do sistema defensivo da barra, difundindo-se a crença generalizada de que, após tamanha derrota, corsário algum voltaria tentar forçá-la, o que se mostrou irreal.

A PILHAGEM DE DUGUAY-TROUIN (1711)

Sob o pretexto de indignação com o assassinato de Duclerc, a França enviou, sob o comando do corsário René Duguay-Trouin, uma esquadra com dezoito navios, artilhada com 740 peças e 10 morteiros, com um efetivo de 5.764 homens, a qual chegou ao Rio de Janeiro em 12 de setembro de 1711. Favorecida por forte nevoeiro, penetrou na cidade sem ser vista e ocupou com 500 homens a Ilha das Cobras. Em seguida desembarcaram 3.800 homens na



praia de São Diogo e ocuparam, sem resistência, os morros de São Diogo, da Providência, do Livramento e da Saúde. Em 20 de setembro, às 11 horas da noite, depois do bombardeio da cidade pelas forças de Duguay-Trouin, o governador Francisco de Castro Morais abandonou a cidade e fugiu para o interior. A população, tomada pelo pânico, seguiu o mesmo caminho.

Em 10 de outubro foi assinada uma convenção para o pagamento de grande soma em dinheiro pelo resgate da cidade. O sucesso do corsário custou caro à cidade, que necessitou pagar um valioso resgate pela sua liberdade⁸. Em novembro, após receber a última parcela do valor acordado, Duguay-Trouin evacuou a cidade e as tropas francesas partiram do Rio de Janeiro, deixando para trás uma cidade totalmente devastada.

REFLEXÕES FINAIS

As invasões francesas no Brasil representaram os primeiros epi-

sódios de natureza verdadeiramente militar no Brasil e refletiram a evolução da arte da guerra. É oportuno destacar os objetivos geopolíticos da expedição de Ville-gagnon e de Daniel de La Touche: instalar um núcleo colonizador para o comércio com a França e interferir no comércio marítimo com as Índias. A efetiva instalação de uma colônia francesa no Brasil permitiria à França projetar seu poder naval sobre as principais rotas comerciais do século XVI e ameaçar a hegemonia da Espanha e de Portugal.

No que diz respeito aos fatores geográficos, a França Antártica foi instalada entre os dois principais centros populacionais e econômicos da colônia – Salvador e São Vicente – ameaçando dividir o domínio colonial português em dois territórios descontínuos. Muito mais do que o interesse pela Guanabara, considerada insalubre pelos portugueses, essa ameaça motivou a Coroa portuguesa a se apressar em expulsar os invasores e manter a integridade da colônia.



As diversas investidas francesas revelaram diferentes tipos de liderança militar. Villegagnon exerceu sua liderança de maneira enérgica e disciplinadora, imprimindo um ritmo de trabalho intenso e demonstrando pouca flexibilidade diante das necessidades de seus homens. Sua liderança terminou por custar-lhe a lealdade de muitos de seus comandados e foi um dos motivos do fracasso da França Antártica. Dois séculos depois, Duclerc falhou no aspecto do conhecimento do inimigo, julgando erroneamente a existência de grande quantidade de ouro no Rio de Janeiro e levando suas tropas à derrota em um terreno que lhe era totalmente desconhecido. No lado português, Mem de Sá, Estácio de Sá e Jerônimo de Albuquerque destacaram-se positivamente durante as operações militares contra os franceses, embora cada um deles tivesse experiência militar diferenciada. Por outro lado, ficou clara a falta de liderança e a incompetência do governador Francisco de Castro Morais em estabelecer uma defesa eficiente da cidade do Rio

de janeiro quando ameaçada por Duguay-Trouin em 1711, não lhe restando alternativa senão abandonar a cidade e fugir para o interior.

Finalmente, as tentativas francesas de conquistar parte do território brasileiro fizeram com que a Coroa portuguesa atentasse para a necessidade de intensificar a colonização e organizar um aparato defensivo adequado no Brasil. Logo após a expulsão dos franceses de Villegagnon da Guanabara, com a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, Portugal iniciou os trabalhos de construção de fortificações na barra da Guanabara. Outros redutos e fortalezas surgiram ao longo de praticamente todo o litoral da colônia, inclusive no Nordeste, favorecendo a defesa contra possíveis invasões estrangeiras.

Mergulhada em seus próprios problemas internos e envolvida em numerosos conflitos na Europa, a França terminou por desistir da instalação de um núcleo colonial no território brasileiro.



BIBLIOGRAFIA

ABREU, Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Briguet, 1960.

FROTA, Guilherme de Andrea. *Quinhentos anos de História do Brasil*. Rio de Janeiro: BibliEx, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *História Geral da Civilização Brasileira: a época colonial do descobrimento à expansão territorial*. São Paulo: Difel, 1976.

LERY, Jean. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: BibliEx, 1961.

MARIZ, Vasco; PROVENÇAL, Lucien. *Villegagnon e a França Antártica: uma reavaliação*. Rio de Janeiro: BibliEx, 2001.

VIANNA, Hélio. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1972.

¹ VIANNA, Hélio. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1972. p. 53

² Também denominados *hugenotes*.

³ Tratava-se de um cargo político, não militar.

⁴ Atual Ilha da Laje, situada bem no centro da barra da baía de Guanabara.

⁵ Atual Ilha de Villegagnon, onde está localizada a Escola Naval.

⁶ Posteriormente denominado como Alto da Sé, Alto de São Sebastião, morro de São Januário e, finalmente, Morro do Castelo, desmontado em 1922.

⁷ Atual São Luiz.

⁸ No total os franceses receberam como resgate pela cidade 610.000 cruzados em moeda, 100 caixas de açúcar e 200 cabeças de gado bovino.